

TEORIAS E PRÁTICAS DA LEITURA

Prof. Thiago Mio Salla

Introdução panorâmica ao tema: teoria e prática

Epígrafes

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 2011, pp. 19-20.

Epígrafes

“Biologicamente desenvolvidos para ter consciência de nossa existência, tratamos nossas identidades percebidas e a identidade do mundo à nossa volta como se elas demandassem uma decifração letrada, como se tudo no universo estivesse representado num código que temos a obrigação de aprender e compreender. As sociedades humanas estão baseadas nessa suposição: de que somos, até certo ponto, capazes de compreender o mundo em que vivemos”.

Manguel, Alberto. *O Leitor como Metáfora*.
São Paulo: Sesc, 2017, p. 13.

Epígrafes

“- 6. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. [...]

- 7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). [...]

- 9. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos defato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”.

CALVINO, ITALO. Por que Ler os Clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 11-12.

Epígrafes

Supõe-se que “assimilar” significa necessariamente “tornar-se semelhante” àquilo que se absorve, e não “torná-lo semelhante” ao que se é, fazê-lo próprio, apropriar-se ou reapropriar-se dele. Entre esses dois possíveis sentidos, impõe-se uma escolha...

CERTEAU, Michel de. “Ler: Uma Operação de Caça”. In: *A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 237.

Definições de leitura – Houaiss

Houaiss – ato de ler

1) Percorrer com a visão palavras, frases, textos, decifrando-os por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos e os significados próprios de uma língua natural.

1.1) Enunciar em voz audível (um escrito).

1.1.1) Recitar (versos, poemas); declamar.

2) Ter acesso a (texto, obra etc.) através de sistema de escrita, valendo-se de outro sentido que não o da visão.

Exs.: Leu em braile um romance de Machado de Assis.

Definições de leitura – Houaiss

3) Derivação: por analogia. Ter acesso a uma informação através de código não linguístico (composto de sinais gráficos ou não); decifrar.

Exs.: Leu uma partitura. Leu um mapa.

4) Conhecer, através de exame mais ou menos extenso (o conteúdo de um texto, obra etc.)

Exs.: Já leu a Bíblia? É preciso ler os clássicos.

4.1) Derivação: por extensão de sentido. Examinar com profundidade (o conteúdo de um texto escrito); estudar.

Ex.: temos de ler três capítulos para o próximo exame

Definições de leitura – Houaiss

5) Interpretar (ideia, conceito etc.); compreender.

Exs.: Cada comentarista lê o platonismo a seu modo.

6) Derivação: sentido figurado. Perceber (sentimentos, pensamentos ocultos), por meio de indícios.

Exs.: Lia no seu rosto um profundo desapontamento

7) Extrair significado premonitório de; adivinhar

Exs.: Leu a sorte

8) Decifrar, reconhecer (qualquer tipo de informação) através de mecanismo de leitura próprio

Ex.: O velho gravador não lia bem as informações da fita

Definições de leitura – Dicionário Analógico

Dicionário Analógico

Conhecimento – contato; compreensão; apreensão; percepção; cognoscibilidade; luz esclarecimento; iluminação; bibliomania...

Interpretação – inteligência; decodificação; solução; significação;

Ensino – instrução; orientação; edificação; letramento; alfabetização; criação; luz; pão do espírito; treino; prática...
“Letivo”: dia em que se lê.

Estudo – aquisição de conhecimentos; habilidade; perícia; dote; talento; cultura; instrução; erudição; aprendizado; convívio com os livros...

Definições de leitura – Item 1

1) Diferença entre leitura (ler o sentido) e decifração (decifrar as letras); oposição entre significante e significado.

Referência ao personagem Petrushka, o dedicado servo de Tchítchicov, herói do romance *Almas Mortas*, de Gogol:

“... tinha uma nobre tendência para instrução, isto é, à leitura de livros, com cujo conteúdo não se preocupava: tanto se lhe dava que se tratasse de aventuras amorosas, de uma simples cartilha ou de um breviário – ele lia tudo com a mesma atenção; se lhe caísse nas mãos um livro de química, ele não deixaria de lê-lo da mesma forma. Petrushka apreciava não o que lia, mas a leitura em si, ou melhor dizendo, o próprio processo da leitura, o fenômeno de que, daquelas letras impressas, sai sempre uma palavra qualquer, por vezes sabe o diabo de que significado...”
(GOGOL, Nikolai. *Almas Mortas*. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 24).

Definições de leitura – Item 2

2) Leitura enquanto interação entre leitor e texto, sem depreciação dos dados linguísticos, que teriam a função de restringir as predições.

“... eu ficarei contente se este livro puder apresentar alguns motivos que tornam fácil para nós distorcer as páginas para fazê-las significar o que queremos – seja para condená-las, seja para elogiá-las” (RICHARDS, I. A. *How to read a page*. Boston: Beacon press, 1959)

A base da leitura encontra-se no próprio texto e no repertório daquele que lê. No entanto, é aquele que delimita a gama de interpretações possíveis, algumas das quais podem não ter sido planejadas pelo escritor.

Definições de leitura – Item 3

3) Ato de comunicação regido por regras conversacionais – contrato de cooperativismo.

- Texto enquanto unidade de comunicação.
- Princípio cooperativo, que dependendo do texto se transforma em “princípio cooperativo hiperprotegido”.

“A comunicação depende da convenção básica de que os participantes estão cooperando uns com os outros e que, portanto, o que uma pessoa diz a outra é provavelmente relevante. Se eu pergunto se Jorge é bom aluno e você responde, “geralmente ele é pontual”, entendo sua resposta dando por assente que você está cooperando e dizendo algo relevante à minha pergunta. Ao invés de reclamar, ‘Você não



Definições de leitura – Item 3

respondeu à minha pergunta’, posso concluir que você a respondeu implicitamente e indicou que há pouco de positivo a ser dito sobre Jorge enquanto aluno. Isto é, presumo que você está cooperando, a menos que haja evidência convincente do contrário.

“Agora, as narrativas literárias podem ser vistas como membros de uma classe mais ampla de histórias, ‘textos de demonstração narrativa’, elocuições cuja relevância para os ouvintes não reside na informação que comunicam, mas em sua ‘narratividade’. Quer esteja contando um caso a um amigo ou escrevendo um romance para a posteridade, você está fazendo algo diferente, digamos, de testemunhar no tribunal: está tentando produzir uma história que parecerá ‘valer a pena’ para seus ouvintes, que terá algum tipo de finalidade ou importância, divertirá ou dará prazer. O que diferencia as



Definições de leitura – Item 3

obras literárias dos outros textos de demonstração narrativa é que eles passaram por um processo de seleção: foram publicados, resenhados e reimpressos, para que os leitores se aproximassem deles com a certeza de que outros os haviam considerado bem construídos e ‘de valor’. Assim, no caso das obras literárias, o princípio cooperativo é ‘hiperprotegido’. Podemos aguentar muitas obscuridades e irrelevâncias aparentes, sem presumir que isso não faz nenhum sentido. Os leitores presumem que, na literatura, as complicações da linguagem têm, em última análise, um propósito comunicativo e, ao invés de imaginar que o falante ou escritor não está sendo cooperativo, como poderiam ser em outros contextos de fala, eles lutam para interpretar elementos que zombam dos princípios de comunicação



Definições de leitura – Item 3

eficiente no interesse de alguma outra meta comunicativa. A ‘Literatura’ é uma etiqueta institucional que nos dá motivo para esperar que os resultados de nossos esforços de leitura ‘valham a pena’. E muitos dos traços da literatura advêm da disposição dos leitores de prestar atenção, de explorar incertezas e não perguntar de imediato “o que você quer dizer com isso?”

(CULLER, Jonathan. *Teoria Literária – Uma Introdução*. São Paulo: Beca, 1999, p. 33).

Definições de leitura – Item 3

Máximas e implicaturas conversacionais de Paul Grice, a partir do **princípio da cooperação** (enunciadores cooperativos e produtores de textos que supõem ser coerentes)

Máxima da quantidade: “Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto for requerido para o propósito corrente da conversação”.

Máxima da qualidade: “Não diga o que acredita ser falso; não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada”

Máxima da relação: “Seja relevante”, isto é, pertinente.

Máxima do modo: “Seja claro, breve, ordenado. Evite obscuridade e ambiguidades”.

Definições de leitura – Item 3

Leitura – Apreensão e Compreensão

Budismo Moderno

Tome, Dr., esta tesoura, e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa
Ao contato de bronca destra forte!



Definições de leitura – Item 3

Dissolva-se, portanto, minha vida
Iguamente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!

(ANJOS, Augusto. *Eu: Outras Poesias –
Poemas Esquecidos*. 31 ed. Rio de Janeiro:
Livraria São José, 1971, p. 84)

Definições de leitura – Item 3

Apreensão

Budismo – sistema filosófico e religioso indiano fundado por Siddharta Gautama (563-483 a.C.), o Buda, que parte da constatação do sofrimento como a condição fundamental de toda existência e afirma a possibilidade de superá-lo através da obtenção de um estado de bem-aventurança integral, o nirvana (“cessação”; infinitude intemporal; o termo sânscrito *buddha* significa “o desperto, o iluminado”).

Budismo moderno – budismo ocidental que enfatiza a meditação, a leitura e a compreensão racionalista dos textos sagrados; religião mais harmonizada à ascensão das ciências naturais.



Definições de leitura – Item 3

Apreensão – continuação

Estrutura formal do poema – Soneto italiano de versos decassílabos em esquema de rima ABBA, ABBA, CCD, EED;

Estrutura discursivo-pragmática do texto: ênfase na instauração de depreagens actanciais enunciativas e também enuncivas (jogo entre subjetivismo e objetividade).

Dimensão lexical/semântica:

Bicharia – grande quantidade de bichos (animais invertebrados necrófagos);

Roer – carcomer, corroer;

Sorte – destino;

Diatomáceas – algas unicelulares que vivem em água doce e salgada e são providas de pigmentos fotossintéticos, protegidas por uma cápsula de sílica formada por valvas; portanto, ínfimos seres, impossíveis de serem observados a



Definições de leitura – Item 3

Apreensão – continuação

olho nu, excetuando-se nas ocasiões em que se aglomeram em águas paradas (geralmente em colônias, e constituem grande parte do plâncton)

Criptógama – termo taxonômico obsoleto para se referir a vegetal que se reproduz através de esporos ou gametas, em vez de sementes, como é o caso das diatomáceas. A

“criptógama cápsula” é o invólucro que protege as diatomáceas do contato externo, proporcionando-lhes condições favoráveis para seu desenvolvimento monocelular.

Esbroar – reduzir(-se) a pequenos fragmentos, a pó; desfazer(-se), desmoronar(-se), pulverizar(-se)

Destra – braço direito;



Definições de leitura – Item 3

Apreensão – continuação

Bronca – tosca, rude, áspera, obtusa;

Agregado – conjunto; aglomerado; termo caro para o budismo, pois refere-se aos aspectos que constituem o ser humano. São cinco os agregados: forma, sensações, percepções, formações mentais e consciência.

Grade – cadeia; prisão



Definições de leitura – Item 3

Compreensão

O autor – Augusto dos Anjos

Suportes de publicação – *A União*, Paraíba, 1909.

Eu (1912) e *Eu e Outras Poesias* (1919)

Correntes literárias – Pré-modernismo, Parnasianismo, Decadentismo, Simbolismo – Augusto dos Anjos desagradou parnasianos (não cultuava a forma e o preciosismo da linguagem; não empregava temática clássica, mas utiliza o soneto e se valia do descritivismo); Desagradou simbolistas (seu poemas não eram abstratizantes e nem religiosos; por outro lado, em sua poesia temos a presença do decadentismo, da valorização da percepção sensorial e da incorporação do absurdo); Desagradou modernistas (cientificismo e uso de uma linguagem técnica e erudita).



Definições de leitura – Item 3

Compreensão

Contexto cultural mais amplo – Cientificismo e materialismo: taxonomia da biologia, determinismo, nascimento e afirmação da psicologia, etc.; A filosofia pessimista de Arthur Schopenhauer – concepção da vida como sofrimento. Os seres seriam escravizados por uma vontade infinita e irracional; a vontade enquanto desejo do que não se têm; a satisfação da vontade é fugaz e deixa de existir para ceder lugar a um novo desejo que instaura outra vez o sofrimento num processo cíclico; relação dual entre desejo e sofrimento.

As noções de “budismo” e “budismo moderno” (vistas anteriormente)

Definições de leitura – Item 3

Articulação entre Apreensão e Compreensão (imagens)

Transgressão ao juramento elaborado pelo pai da medicina, o médico grego Hipócrates;

Hipocondrismo (estado intermitente que varia entre saúde e enfermidade);

Pensa na corrosão putredínea de seu coração, símbolo do âmago de sua singularidade.;

Renúncia à vida material por parte do paciente;

Forte apelo odorífico;

Alegoria – o extermínio abrupto das “diatomáceas da lagoa” nada mais é que uma figura da efemeridade e debilidade da vida humana. A “lagoa” representa o mundo em que os



Definições de leitura – Item 3

homens vivem. As “diatomáceas”, os homens. A “criptógama cápsula” simboliza os artifícios humanos que objetivam assegurar a vida. E “o contato de bronca destra forte” são as fatalidades imprevisíveis que a ninguém poupa.

Na terceira estrofe, o eu-lírico introduz também a dissolução da existência corporal.

O agregado citado no poema, por sua vez, não possui existência material, mas faz sentir a ausência do eu-lírico dissolvido, mantendo aceso o sofrimento já que a saudade traz em si uma consternação inerente. Algo substancialmente díspar do budismo oriental, que não ensina a preservação de nenhuma espécie de agregado depois de alcançado o nirvana.

Definições de leitura – Item 3

Assunto e Tema

Assunto é a matéria de uma obra de ficção, tomada em sua dimensão específica. Tema é a interpretação do assunto, que assume dimensão mais abstrata e geral. O assunto é mais objetivo do que o tema. O primeiro decorre da escolha do escritor, assim como o segundo depende mais da capacidade interpretativa do leitor. Assim, o assunto de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, é a ascensão e decadência de um fazendeiro do sertão nordestino, ao passo que seu tema poderia ser a utilização do homem como objeto do homem, a problematização do princípio de que os fins não justificam os meios ou o conceito de que progresso sem ética não funciona.

Definições de leitura – Item 3

Assunto de “O Budismo Moderno”

O eu lírico pede a um médico para que este o mate, sem se importar com as consequências de tal gesto que poria fim a sua existência.

Julgando-se desafortunado, este eu-lírico vislumbra o mundo como um mar de sofrimento que aniquilaria não só a ele, mas a todos os seres (até mesmo minúsculas algas unicelulares). Segundo ele, qualquer tipo resistência não surtiria efeito ante a fatalidade agourenta da vida.

Desse modo, reivindica a dissolução de sua existência corporal, bem como a esterilidade e a interdição de seu renascimento, como se atingisse o nirvana, o qual, por sua vez, pressupõe a iluminação e o término do ato de renascer.

Definições de leitura – Item 3

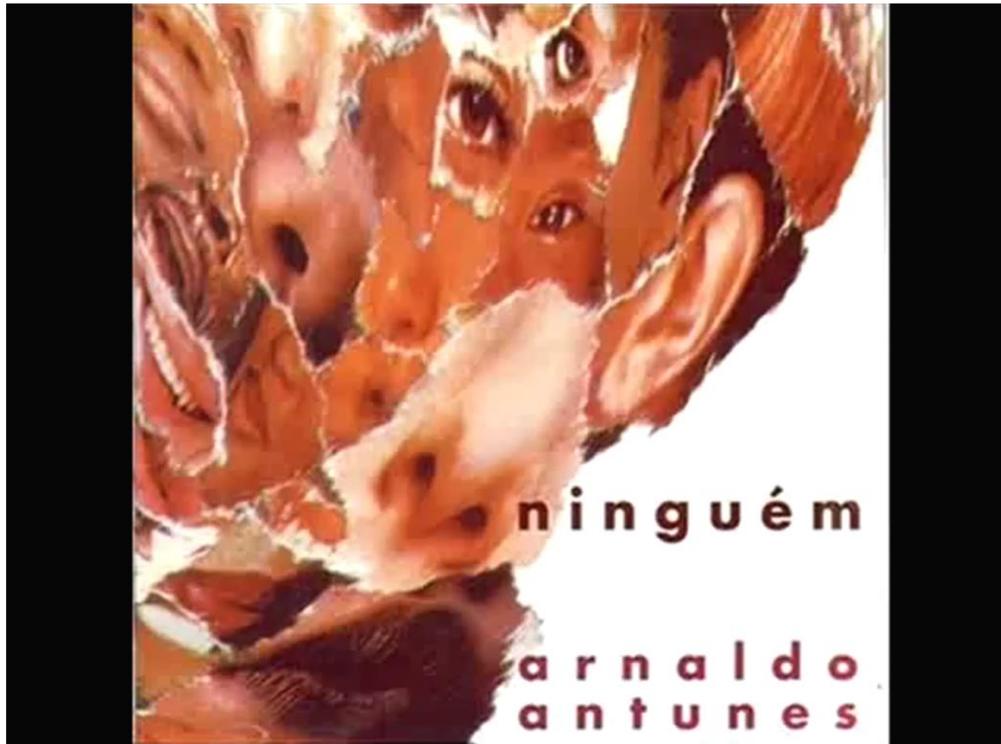
Por mais que tenha se dissolvido fisicamente, o eu lírico ainda mantém aceso o sofrimento, apresentado como “agregado da saudade”, que ainda o aprisionaria no mundo e seria o motor de sua poesia.

Tema de “O Budismo Moderno”

Nem o fim da existência do poeta colocaria término ao sofrimento materializado em sua poesia.

Definições de leitura – Item 3

Arnaldo Antunes, ex-integrante do grupo Titãs, musicou o poema “Budismo Moderno”, que se encontra no disco *Ninguém*, de 1995:



Ver:
<https://youtu.be/2QdcLPE9aB0>